

# O desenvolvimento da oralidade na educação infantil

Marinês Jesus da SILVA

Curso de Pedagogia da Faculdade Unida de Suzano – UNISUZ (maricat.39@hotmail.com)

Amanda VALIENGO

Curso de Pedagogia da Faculdade Unida de Suzano – UNISUZ (ducavaliengo@yahoo.com.br)

## Resumo

Com a entrada das crianças cada vez mais cedo na escola, torna-se necessário refletir sobre a importância dessa instituição para o desenvolvimento humano. Este trabalho, por meio de uma pesquisa bibliográfica, tem por objetivo compreender o desenvolvimento da oralidade infantil, como um dos processos de humanização, e refletir sobre ele a partir dos preceitos da teoria Histórico-Cultural. Conclui-se a partir desta pesquisa, que a educação infantil é um dos principais meios sociais onde a criança é inserida e o professor, parceiro mais experiente, se torna responsável por mediar as relações entre as crianças, entre a criança e a cultura construída historicamente e entre a criança e o adulto. Todas essas relações devem ser permeadas pela oralidade de maneira intencional.

## Palavras-chave

Linguagem oral, criança, desenvolvimento infantil.

## O desenvolvimento infantil

De acordo com a teoria histórico-cultural, postulada por Vygotski e seus colaboradores, o desenvolvimento do ser humano ocorre por meio das relações sociais. Ao nascer, a criança necessita de duas condições para seu desenvolvimento humano: heranças naturais do organismo – o sistema nervoso humano herdado pela criança – e condições concretas de vida e de ensino. A criança tem um cérebro pronto para assimilar e acomodar aquilo que lhe é ensinado (MUKHINA, 1996).

A criança nasce como um ser ativo e, por meio das relações sociais, na interação com o adulto que se comunica com ela, “essa criança internaliza conhecimentos e confere sentido a eles” (COUTO, 2007. p.42).

“Nesse primeiro momento de vida, a ênfase recai na qualidade da interação estabelecida com o bebê.” (BORGES; LARA, 2002. p.89). Ou seja, essa interação deve ser estabelecida por meio de um vínculo positivo e construtor entre adulto e bebê. Uma ligação de amor, no sentido de a criança sentir-se acolhida, cuidada e amada.

O bebê, nesta primeira fase de sua vida, compreende que “ele e o outro formam um só” (BORGES; LARA, 2002. p.90). Isto é, nesta fase inicial, ele não se diferencia do outro e enxerga o mundo por meio dos olhos do adulto que dele cuida e o embala.

Ao completar um ano de vida, a criança entra numa nova etapa de desenvolvimento, pois se habituou a ver, a escutar, a coordenar o movimento das mãos. De acordo com Mukhina (1996), é a partir dessa fase que a criança se apresenta com capacidade para fazer parte do mundo adulto, pois no primeiro ano de

vida ela compreendeu a conduta psíquica inicial do homem, conhecida como a pré-história do desenvolvimento psíquico.

A criança, durante os três primeiros anos de vida, passa por várias transformações significativas. Nesse período se apropria de conhecimentos como a variedade de objetos, ampliação do vocabulário por meio da linguagem oral e observa as regras rudimentares de comportamentos sociais.

Durante a vida, o indivíduo realiza algumas atividades principais. Essas atividades são construídas historicamente, e socialmente. Nos seis primeiros anos são elas (MUKHINA, 1996; VALIENGO, 2008):

- Comunicação-emocional (no primeiro ano de vida) – a criança observa e se interessa pelo adulto;
- Atividade objetual (entre 2 e 3 anos) – o interesse pelo adulto se transfere ao objeto. Por meio da observação do adulto, a criança manipula os objetos;
- Jogo dramático ou de faz-de-conta (entre 3 e 6 anos) – na brincadeira, a criança imita o adulto e representa simbolicamente o que ainda não sabe fazer sozinha.

Essas atividades são chamadas principais porque são responsáveis pelo máximo desenvolvimento do indivíduo. Ao realizar uma atividade ela aprende se desenvolve.

Segundo Vygotski (2001) há dois níveis de desenvolvimento denominados zona de desenvolvimento real ou afetiva e zona de desenvolvimento potencial ou próxima. A zona de desenvolvimento real é determinada pelas ações realizadas pela criança sem o auxílio do outro. Para chegar a este nível, ela teve o estímulo e ajuda de outrem. A zona de desenvolvimento próximo constitui-se por ações que a criança realiza

com a ajuda do outro e, que num futuro próximo realizará sozinha.

Dentro da perspectiva do Enfoque Histórico-Cultural, o parceiro mais experiente é fundamental para o desenvolvimento psíquico do ser humano. O outro, que pode ser considerado, a pessoa ou instrumento da cultura mediador das vivências, sempre atua no nível de desenvolvimento potencial (BEATÓN, 2005). Nesse contexto, “o outro” inclui os adultos e as crianças mais experientes que se relacionam com o aprendiz.

Vale ressaltar que todas as aprendizagens e realizações de atividades são permeadas pela comunicação oral. Mesmo o bebê, tem contato com a linguagem oral, ouvida quando os adultos ou outras crianças maiores conversam, e é essa utilização da oralidade, que é uma das responsáveis para a inserção do indivíduo no mundo das relações sociais.

Portanto, torna-se imprescindível uma atuação intencional do professor para o desenvolvimento dessa linguagem, já que a mesma não é inata, mas ocorre pela internalização da necessidade de comunicação.

Outro ponto importante de relevar é que a comunicação é determinada de acordo com a interação entre pessoas, as quais são formadas por informações diferentes objetivando sempre atingir um mesmo resultado. Desde o nascimento, a criança está inserida em diferentes ambientes sociais e, por conseguinte comunica-se com outras crianças e com os adultos.

No processo social de humanização, a criança apropria-se da comunicação por meio de imitações. Ao longo desse processo, a aprendizagem se torna mais complexa, por meio da educação adquirida pela criança culturalmente. Ou seja, as condições para que ocorra esse processo significativo não dependem só da criança e, sim das relações entre ela e aqueles que a rodeiam e das experiências contribuídas que oportunizarão a ela a realização de diferentes ações para que ocorra seu desenvolvimento pleno e de qualidade.

## A oralidade na educação infantil

A linguagem é uma habilidade construída socialmente, isto é, a criança ensaia desde o primeiro momento de sua vida. A relação de comunicação no primeiro ano ocorre por meio de troca de experiências interpessoais com familiares e/ou educadores. Com os estímulos recebidos a criança pode interferir no mundo e fazer parte dele.

O acolhimento do bebê com outro humano permite a ele uma integração de formas pré-construídas da língua: as quais acontecem na integração conjunta com o outro mais experiente, oportunizando à criança as formas e normas comportamentais, as relações interpessoais, as palavras da língua e como usá-las.

Com base nessas experiências adquiridas, a crian-

ça apropria-se, paulatinamente, das regras de ação e comunicação que vão surgindo progressivamente. Dessa forma, a criança coloca em prática suas produções verbais (OLIVEIRA, 2007).

Entre 8 e 10 meses são formadas diferentes capacidades comunicativas e cognitivas, habilidades fundamentais para a formação da competência linguística. Primeiro ocorre a fase de compreensão, nela a criança responde oportunamente a pedidos e proibições. Em seguida, a criança contextualiza-se por meio das produções das primeiras palavras. Porém, só aos 20 meses é detectada a capacidade de combinar palavras e, logo, inicia-se a gramaticalização.

De acordo com Oliveira (2007), a partir dos 5 anos, a criança constitui novos progressos, domina novas estruturas que se tornam mais complexas. Esse progresso de estruturação linguística é contínuo com reorganização e aperfeiçoamento até a pré adolescência, “enriquecido pelas experiências culturais das crianças, particularmente por sua vivência escolar” (OLIVEIRA, 2007 p.151).

O processo de aprendizagem atinge um grau elevado de desenvolvimento por meio da participação imitativa, ou seja, com o outro mais experiente, seja o professor, ou o colega. Esse processo permite que a criança faça uso de suas funções psicológicas – auxiliando-a a solucionar, relacionar e até mesmo criar hipóteses, até ser capaz de criar o seu próprio modo autônomo, na formulação de tarefas e suas posições.

Inicialmente a narrativa da criança pequena se dá por meio de relato de origem perceptiva e motora, relacionando objeto de acordo com a relação dele na atividade, no qual a criança busca o equilíbrio entre causas e efeitos, ou seja, a proporção entre a ação e resultado, a harmonia entre as partes.

“A descrição de algo pela criança requer-lhe coordenar as próprias impressões e processos mentais. Implica processo gestual ideomotor, ou identificação do objeto consigo mesmo, estabilizando” (OLIVEIRA 2007, p.153).

Para Oliveira (2007) a criança só vai representar algo a partir do momento que ela exteriorizá-lo como objeto distinto, ou seja, por meio de imagens que excluem os elementos individuais.

De acordo com Kishimoto (2005), quando a criança já consegue diferenciar a realidade da fantasia automaticamente irá expressar significados tendo como base sua experiência, conduzindo a atividade imaginária, embarcando por ato voluntário.

Para a autora, a mãe, no momento de cuidado com o bebê, nas ações de cantar, quando nomeia para a criança seus movimentos, estas são na verdade ações integradas entre cuidado e educação fundamentais pois, o bebê tem a oportunidade de receber da mãe o aprendizado da língua e seus significados.

A linguagem é um instrumento fundamental para

a construção do pensamento bem como, das relações sociais. “A linguagem, quando usada como representação e como ferramenta de reflexão, possibilita a tomada de consciência, a iniciativa, a comunicação e as relações sociais”. (Kishimoto 2005, p.58).

Embora o uso intencional da linguagem oral seja fundamental, segundo Hevesi (2004), as pesquisas apontaram que há uma deficiência na prática da maior parte dos profissionais atuantes em escolas infantis. Essa deficiência é causada pela falta do uso da linguagem correta e falta de compreensão da mesma como uma ferramenta de seu trabalho, pois a utilizam, na maioria das vezes apenas para dar ordens ou proibições.

A limitação do diálogo, as respostas vazias e sem conteúdo, permitem à criança construir um vocabulário pobre. É uma prática que acontece no período em que a criança está sendo inserida no mundo social, como também iniciando o processo da fala. Portanto, é crucial, nesta fase tão importante de sua vida, atender e compreender a criança, nesse anseio de manter contato com o adulto por meio da fala.

As instituições são responsáveis diretas nesta realidade atual, uma vez que as crianças estão sendo deixadas para serem cuidadas por profissionais cada vez mais cedo.

É necessário aos profissionais atuantes na educação de crianças pequenas e recém-nascidas terem conhecimento pleno da importância de falar com elas nos momentos do cuidado de rotina e compreender a importância desse momento para a criança. Exatamente nesse momento ela percebe que o profissional está só com ela, sentindo seu toque, escutando-a, fornecendo respostas aos seus anseios, dando-lhe atenção. (HEVESI, 2004).

“Dessa forma a educadora que se acostuma a essa prática, considera natural informar, inclusive a um recém-nascido, de todas as coisas que o afetam e que afetam a vida do grupo.” (HEVESI, 2004, p.49). Conversar, esclarecer para a criança o porquê e para que está fazendo aquilo com ela são práticas importantes de se realizarem também com as crianças menores, que não sabem ainda distinguir uma proibição de uma instrução.

Desde a primeira infância é imprescindível à criança sentir-se acolhida, ter a certeza de que alguém se preocupa com ela. E que os cuidados não sejam apenas limitados nos horários específicos, mas que estendam-se nos outros momentos do dia. (HEVESI, 2004). A relação da criança com a educadora se dá de várias maneiras: com o olhar, com os sinais que variam de acordo com a idade. Essa procura da criança pelo olhar, gestos e sinais do adulto significa o quanto ela se sente segura ao perceber a preocupação do educador com ela.

Hevesi (2004) aponta a importância de chamar a criança pelo seu nome e nunca na terceira pessoa para distinguir cada uma como um ser único e individual e também é necessário falar corretamente com

ela. Falar com grupos de crianças é inevitável naqueles momentos cruciais quando todos choram ao mesmo tempo na disputa de brinquedos, brigas entre si. No entanto, há várias ocasiões que a criança pode ser chamada pelo nome.

A fim de melhorar a comunicação oral, Hevesi (2004) propõe aos educadores que:

- De forma contínua percebam no comportamento da criança em quais momentos querem atenção e a forma com que elas demonstram estas necessidades.
- Explicitem oralmente o bom comportamento da criança.

Essa prática contribui, sobretudo, para que os educadores saibam qual é o momento propício para interferir no comportamento da criança auxiliando-a e falando com ela.

De acordo com Hevesi (2004), a educadora tem o momento de tomar a iniciativa do contato com a criança, neste caso o tom da palavra se atrela a atividade proposta.

A criança está todo o tempo atenta sobre todos os movimentos ao seu redor e toma a iniciativa de manter contato, e sabe como chamar a atenção da educadora. “Isso se nota, sobretudo quando a criança observar a atividade da educadora por alguma razão concreta” (HEVESI, 2004, p.55). Pois, quando a criança toma a iniciativa de contato, significa estar necessitando da atenção da educadora.

“A busca do contato tem uma razão bem definida quando a criança pede ajuda com sons ou gritos” (HEVESI, 2004, p.54) pois, não há como haver a separação por meio das iniciativas das crianças, entre as expressões verbais e as expressões pré-verbais, pois as duas tem funções similares.

De acordo com as observações feitas por Hevesi (2004), a expressão de sons é a que mais chama a atenção da educadora e faz com que ela fale mais com a criança, sem estar diretamente cuidando dela.

Compreende-se a importância de a educadora entender a relevância dos diálogos, ainda que curtos, com a criança, pois estimula o desenvolvimento da relação verbal de forma atenciosa.

Hevesi (2004) esclarece que esta postura da educadora interfere de forma positiva no comportamento das crianças do grupo, ou seja, “confirma para as crianças as formas desejáveis de chamar a atenção e estimula o desenvolvimento da relação verbal”. (HEVESI, 2004, p.56)

## Considerações finais

O aprendizado teórico sobre o desenvolvimento infantil e a revisão da literatura sobre o desenvolvimento da linguagem oral e a importância do professor nesse processo se tornam cada vez mais necessários no auxílio do desenvolvimento integral do indivíduo.

Por meio da apropriação teórica, o trabalho de sala de aula pode ser revisto, modificado, ampliado e assim, melhor assegurado. Dessa forma, a prática do professor de educação infantil, como mediador mais experiente das relações, dos aprendizados da cultura historicamente acumulados, precisam ser intencionais para o desenvolvimento máximo das potencialidades infantis.

Em síntese, nascemos com um aparato biológico importante, mas não suficiente para nos tornarmos humanos; as relações sociais medeiam nossa inserção na cultura historicamente formada e assim nos tornamos humanos. O desenvolvimento ocorre mediante as atividades realizadas pelo indivíduo e por meio das aprendizagens; nos seis primeiros anos as atividades principais são a comunicação emocional, a atividade objetual e a brincadeira de faz-de-conta, pois são aquelas que proporcionam maior desenvolvimento intelectual e, para as pessoas falantes a linguagem oral permeia todas essas relações.

A intencionalidade positiva do professor de educação infantil para a comunicação oral é responsável por incluir o indivíduo na realidade humana oferecendo-lhe aconchego, sistematização das atividades realizadas, contato com o nome e a função dos objetos, conhecimento da linguagem oral. Enfim, nesse processo, o professor apresenta e consequentemente inclui a criança à cultura humana.

## Referências Bibliográficas

BEATÓN, A. G. **La persona no enfoque histórico cultural**. São Paulo: Linear B, 2005.

BORGES, Maria Fernanda Silveira Tognozzi; LARA, Maria Lúcia Martins Pinto. Descobrimos bebês: implicações pedagógicas do trabalho com crianças de 0 a 1 ano. In: SOUZA, Regina Célia de. **A práxis na formação de educadores infantis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COUTO, Nara Soares. **O faz-de-conta como atividade promotora do desenvolvimento infantil e algumas contribuições acerca de implicações para o aprender a ler e escrever**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESP, Marília. 2007.

HEVESI, Katalin. Relações através da linguagem entre educadora e as crianças do grupo. In: FALK, Judit. (Org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Tradução de Suely Amaral Mello. 1. ed. Araraquara: JM Editora, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e a linguagem. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar**. Tradução de Claudia Berline. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.

VALIENGO, Amanda. **Educação infantil e ensino fundamental: bases orientadoras à aquisição da leitura e da escrita e o problema da antecipação da escolaridade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESP, Marília. 2008.

VIGOTSKII, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade pré-escolar. In: Vigotskii, L.S.; LÚRIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo. Ícone., 2001.

## Informações sobre as autoras

### Marinês Jesus da Silva

Graduada em Pedagogia pela faculdade Unida de Suzano (UNISUZ). Atualmente é auxiliar de desenvolvimento (atua com crianças da Educação Infantil) na Prefeitura Municipal de Suzano.

### Amanda Valiengo

Doutoranda em Educação na Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília, mestre em educação e pedagoga pela mesma universidade. Atualmente é coordenadora na Rede Estadual de Educação e professora do Curso de Pedagogia na Faculdade Unida de Suzano (UNISUZ).